



O PROFESSOR PESQUISADOR COMO POSSIBILIDADE PARA REDIMENSIONAR SUA PRÁTICA NO PÓS-PANDEMIA

Ana Patricia de Oliveira Martins¹
Mara Fabiane Reis Gomes²
Robélia Aragão da Costa³

INTRODUÇÃO

Este texto se destina a refletir sobre conceitos ligados à tecnologia e educação no pós-pandemia, pensando a prática docente e as articulações necessárias para manter um ambiente de aprendizagem que atenda à demanda atual frente ao uso disseminado das novas tecnologias. Tem como objetivo questionar de forma reflexiva a prática do professor frente às linguagens e tecnologias digitais. As ideias aqui desenvolvidas tiveram como gênese os temas abordados no Seminário Avançado em Linguagem e Tecnologia no Mestrado em Educação da Universidade de Caxias do Sul– RS, ministrado pela professora Eliana Sacramento. Como referencial teórico foram utilizados artigos de Sacramento Soares e Maschio (2017), Freitas (2010), Buzato (2006) e Santaella (2021), que são pesquisadores professores que se ocupam em pensar as tecnologias na educação.

Com a chegada da pandemia da covid-19, a escola adentrou as casas de estudantes e professores. Para estabelecer a comunicação pedagógica e dar continuidade às práticas educativas, novas estratégias foram se configurando nas relações interpessoais conduzindo professores, estudantes e cultura escolar a se reorganizarem para dar conta dessa demanda. Nesse assunto, o professor foi desafiado a redimensionar a sua forma de ensinar, incluindo as tecnologias, como meio de levar o conteúdo das aulas para as casas dos estudantes. As câmeras abertas dos celulares e computadores, revelaram pessoas, suas casas, hábitos, barulhos e ruídos que precisaram ser administrados. E o professor, que surpreendido com uma doença disseminada mundialmente, careceu de adaptar-se, muitas vezes sem uma fundamentação que

¹ Psicóloga, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: apomartins@ucs.br

² Pedagoga, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: mfrgomes@ucs.br

³ Pedagoga, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: racosta3@ucs.br



o auxiliasse de maneira satisfatória, diante da demanda de trabalho e das novas articulações para a prática da sua docência, com improvisações frente ao tempo que se tinha. Com isso, muitas frustrações e reelaborações ocorreram em idas e vindas de um processo que almejava a educação formal de estudantes.

No contexto atual, Sacramento Soares e Maschio (2017) defendem as práticas mediadoras com potencialidade para desenvolver processos de aprendizagem significativa com a ajuda dos recursos digitais. Dito isso, é inegável que a pandemia revelou grandes dificuldades enfrentadas por professores, gestores e estudantes, na organização e uso das tecnologias necessárias para manter o ambiente de aprendizagem. Nesse sentido, percebemos que muitas questões emergem e são pontos importantes para análise; contudo, iremos focar no professor, seu fazer e seu aprender, considerando os desafios das aulas remotas inesperadas e com repentino planejamento na pandemia da covid-19.

Observamos que na educação pública de nosso país, muitos professores relacionam tecnologia na escola a celulares em sala de aula e computadores ligados à internet, ampliando esse entendimento para as redes sociais, *TikTok*, *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* e outros recursos dessa linha. Nessa perspectiva, esses docentes argumentavam a tecnologia como uma rival cruel da escola.

Segundo Freitas (2010) as novas tecnologias evidenciaram um desafio para o professor que tinha sua prática em torno do livro e da escola. Porém a postura defensiva direcionada às mídias e às novas tecnologias não irá deter seu avanço na sociedade e, por conseguinte, na instituição escolar. Para Sacramento Soares e Maschio (2017) é importante o uso da tecnologia para a aprendizagem não com o fim em si mesma, mas como recurso de favorecimento da interação entre professores e estudantes com foco na escolarização. A partir do exposto pelas autoras, a cultura digital convoca o professor a repensar suas práticas também se atualizando com o que interessa aos seus estudantes.

Todavia, não se trata de entender a tecnologia como substitutiva ao professor, mas como estamos inseridos em uma cultura digital, percebe-se que a inserção das tecnologias nos processos educativos, é uma realidade sem volta que estamos todos atravessados e submetidos. É pelo avanço da tecnologia que temos a possibilidade de interação mundial e aumento da expectativa de vida da nossa espécie. Nesse âmbito, Buzato (2006, p. 3) alerta:

Assim sendo, fetichizar as tecnologias, defendê-las ou combatê-las por conta das exclusões e inclusões que possibilitam não é uma atitude tão produtiva quanto tentar



entender os caminhos pelos quais todas as tecnologias, inclusive as TIC, são incorporadas a um mundo de desigualdades estruturais crescentes, bem como os caminhos pelos quais ajudam a transformá-lo.

Talvez o aceleração e a velocidade das tecnologias na cultura digital proporcionem um certo embaralhamento de conceitos que conduzam os sujeitos a pensar que precisam definir as tecnologias como algo bom ou ruim. Trazendo essa inquietação para a escola, uma questão a ser pensada é em como a ética e a crítica são debatidas e trabalhadas no chão da escola. É interessante pensar as tecnologias como novas linguagens que podem inspirar os professores a redimensionar sua prática e quando o docente tem essa compreensão, o diálogo pedagógico pode ser construído com jogos ou *software* como meio para auxiliar aos estudantes no aprendizado.

Dito isso e lembrando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2016, ressaltamos que a intencionalidade educativa é articulada às práticas do professor para desenvolver o aprendizado dos conteúdos propostos (BRASIL, 2016), que ao nosso olhar, está permeada da singularidade do professor, da cultura da escola e da comunidade de seu entorno. Assim sendo, apontamos uma questão a ser pensada: como ser professor em um tempo de avanço tecnológico que adentra a escola e as relações, de modo a manter o interesse do estudante em aprender? Talvez, a não percepção consciente de que já estamos num pensamento híbrido que é alimentado por várias linguagens, favoreça uma compreensão distorcida ou limitada na atualidade, uma vez que a velocidade das novas tecnologias pode ser entendida como um limitador das práticas pedagógicas.

Nessa direção Santaella (2021, p. 2) nos provoca quando afirma que:

Com o mundo digital não dá mais para viver no paralelo porque começou a penetrar capilarmente na nossa vida. Por outro lado, o mundo digital é infotainment (informação e entretenimento ao mesmo tempo) e você não pode desperdiçar a fonte imensa de informação que vem das redes e que eu chamo de aprendizagem oblíqua. Se tenho qualquer curiosidade, vou no chrome, clico e tenho respostas. Olha que problema para a educação.

As linguagens são variadas, nomeadas hoje de híbridas e atendem a um determinado objetivo; entretanto elas também se acoplam e se interligam. Os seres humanos, são seres de linguagem, então a linguagem também está ligada à condição humana e à necessidade de interação entre os sujeitos. Nessa perspectiva, linguagem e ação são compreendidas por Maturana (2002) como embricadas e o aprender e o ensinar como parte da vida.



Isto acontece conosco no viver cotidiano, de tal modo que, apesar de estarmos, como seres vivos, em contínua mudança estrutural espontânea e reativa se faz de maneira contingente com a história de nossas interações (MATURANA, 2002, p. 60).

Retomando a ideia de linguagens que se ampliam e se inter cruzam, pensamos que o professor e a escola podem contribuir muito com o avanço da inserção dos estudantes na cultura digital, desde que compreendam que não é possível dar conta de toda demanda, uma vez que se trata de relações humanas e aceleração tecnológica que vão sempre ofertar recursos a mais. Talvez uma possibilidade seja pensar na prática do professor a partir da demanda local e cultural que cada escola pode configurar. Compreendendo que cada instituição escolar traz em si uma necessidade que também revela o que carece seu entorno. É o que apresentaremos em forma de exemplo real a seguir.

UM REFLEXO DA EXCLUSÃO DIGITAL VIVIDA NA PANDEMIA DA COVID-19

A exclusão digital acontece na escola e fora dela. Para exemplificar a importância do letramento digital e a interação como forma de se manter nesse mundo que todos vivemos, trazemos um fato que foi amplamente divulgado nos meios de comunicação durante a pandemia da covid-19. Uma experiência que se repetiu inúmeras vezes nesse cenário pandêmico, a partir de 2020, foi a necessidade de acessar as plataformas de resgate do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e Seguro-desemprego, de forma a beneficiar muitos trabalhadores que perderam seus empregos devido o fechamento de empresas na pandemia. Filas enormes de pessoas eram registradas diariamente e tinham relação com o uso de plataformas governamentais que não suportavam a demanda diária. Por outro lado, grande parte da população não tinha conhecimento para utilizar as ferramentas digitais que a princípio foram pensadas para agilizar e otimizar o atendimento. Em todo o país, no ano de 2020, primeiro ano da pandemia, ocorreu a exposição do letramento digital ineficaz que tem sido foco de interesse também na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Já em 2021 um novo desafio foi travado. As vacinas chegaram, mas para ter acesso ao imunizante era necessário o cadastro em plataformas digitais que deveria ser feito pelo próprio usuário do Sistema Único de Saúde (SUS). A população angustiada queria se vacinar e como forma de controlar essa distribuição foi necessário o cadastro em plataformas que pudessem fomentar os estudos sobre eficácia e qualidade das vacinas adquiridas pelo Ministério da Saúde. Teoricamente as plataformas tinham recursos suficientes para dar conta da necessidade, porém



os muitos Brasis que temos no nosso Brasil revelou que a população com menos recursos, com menor escolaridade e com condições de vida difíceis não tinha como se articular nesse movimento de acesso ao sistema das plataformas. O Programa Nacional de Imunização (PNI) precisou criar estratégias para chegar à população e cadastrá-la como forma de assegurar o direito dos usuários do SUS.

Considerando essa questão exemplificada anteriormente, que não é alheia aos professores e aos gestores da educação, acreditamos que levantar a bandeira que na escola se ensina o conteúdo formal para a instrução ou o trabalho, é limitar seu alcance. Frente a isso, é necessário ao professor se constituir como pesquisador, pois segundo Demo (2001) é fundamental superar a ideia do professor como aquele que tem competência para dar aula, pois o foco da docência na escola é o aprendizado do estudante. Sendo assim, para o autor, se o professor tem condição de aprender, também terá como ensinar. Nessa direção a pesquisa constitui um percurso exitoso ao docente e ao discente para a construção de novos caminhos para a interação, a aprendizagem e a construção de novas e diferentes relações na escola.

CONSIDERAÇÕES

A escola na figura do professor necessita pensar e articular quais práticas são possíveis para incluir seus estudantes e professores na cultura digital/letramento digital à qual não temos como fugir. O que a pandemia revelou é um futuro com uso cada vez maior das novas tecnologias, onde o professor também precisou redefinir suas metas para aprender e ensinar. Talvez a dor e a marca deixadas pela pandemia encaminhem formações de professores que também pensem na autonomia dos sujeitos para o futuro. Tempo esse que desconhecemos, mas podemos imaginar e de forma ativa construir uma sociedade com princípios éticos e inclusivos, na qual os sujeitos atuem com criticidade se responsabilizando consigo e com os demais, de forma a constituir atos e atitudes de / com acolhimento.

Aprender a aprender, supomos que seja uma expressão para significar o que vivemos na tecnologia relacionada à educação e assim, estudantes e principalmente os professores irão se descobrir e se reinventar.

O professor precisa se constituir como um pesquisador que, observando seu entorno e sua prática, apoia-se em conceitos teóricos e na sua experiência prática, para com as novas tecnologias fazer buscas em plataformas de divulgação de experiências práticas e trabalhos



científicos como meio para se inspirar e se fortalecer na prática com seus estudantes. Nesse sentido, o diálogo é importante para sustentar a relação do professor com o estudante, mas compreendemos que a escuta atenta pode ampliar os modos de conhecimento sobre si e sobre o outro.

Palavras-chave: Professor; Tecnologias digitais; Pandemia; Pesquisa, Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2016. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/bncc-2versao.revista.pdf>

BUZATO, Marcelo. E. K. **Letramentos digitais e formação de professores**. 2006.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/242229367_Letramentos_Digitais_e_Formacao_de_Professores Acesso em: 25 mar. 2022.

DEMO, Pedro. **Professor / conhecimento**. 2001. Disponível em:

<http://funab.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/Demo-2001.-Professor-Conhecimento.pdf>

FREITAS, Maria Teresa. **Letramento digital e formação de professores**. Belo Horizonte:

Educação em Revista, v. 26, n. 3, p. 335-352, dez. 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edur/a/N5RryXJcsTcm8wK56d3tM3t/?lang=pt>

MATURANA, Humberto. **Emoção e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SACRAMENTO SOARES, Eliana Maria do; MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. **Práticas, representações e mediação: o uso dos laptops educacionais e as intervenções docentes no processo de aprendizagem da educação básica**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 12, n. esp. 2, p. 1372-1390, ago, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10075>

SANTAELLA, Lucia. Lucia Santaella analisa as tecnologias e seus efeitos cognitivos (entrevista concedida a Laura Rachid). IN: **Educação**, a. 26, ed. 283. Entrevista em 5 de julho de 2021.

Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2021/07/05/lucia-santaella-tecnologias/> Acesso em: 25 mar. 2022.